


Abordagens de ensino das classes de palavras invariáveis em livros didáticos de língua portuguesa entre 1999-2020¹


Teaching approaches of invariant word classes in Portuguese language textbooks between 1999-2020

Enfoques de enseñanza de las clases de palabras invariantes en los libros de texto de lengua portuguesa entre 1999 y 2020

Rafael Mota²

 0000-0002-0791-4652

Mônica de Souza Serafim³

 0000-0003-1518-3009

RESUMO: O presente artigo procura investigar as abordagens de ensino das classes de palavras invariáveis em exercícios de livros didáticos de língua portuguesa destinados aos anos finais do ensino fundamental e publicados entre 1999 e 2020. Para tal empreendimento, fundamentados em Halliday, McIntosh e Strevens (1974), analisamos tais abordagens, verificando como ocorrem os movimentos de conservação e mudança no desenvolvimento de tais abordagens. Partindo de uma pesquisa documental, investigamos oito coleções de livros didáticos de língua portuguesa para os anos finais do ensino fundamental e aprovados no PNLD. A investigação comprovou que há nos livros didáticos um tratamento dado às classes de palavras invariáveis por meio de duas abordagens: uma descritiva e uma produtiva, sendo aquela a mais predominante. A análise do recorte definido também confirmou a coexistência de abordagens descritivas e produtivas de ensino de língua no livro didático de língua portuguesa, demonstrando que o material didático tenta equilibrar posturas conservadoras e inovadoras no que se refere ao ensino de gramática, o que configura uma lenta mudança na efetivação de um ensino de língua que valorize a ampliação de competências de uso efetivo da linguagem em diferentes contextos sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Abordagens de ensino; Livro didático; Classes de palavras invariáveis.

ABSTRACT: The present study aims to investigate the teaching approaches of invariant word classes in Portuguese textbook exercises for the final years of the elementary school published between 1999 and 2020. For such an undertaking, based on Halliday, McIntosh,

¹ O presente texto corresponde a uma versão condensada de uma das etapas da pesquisa de mestrado sobre o tratamento das classes de palavras invariáveis nos exercícios do livro didático de língua portuguesa.

² Doutorando em Linguística Aplicada. Universidade Estadual de Campinas. E-mail: orafael.mota@gmail.com.

³ Doutora em Linguística. Professora do Curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará. E-mail: mserafim15@gmail.com.

and Strevens (1974), we seek to investigate the teaching approaches present in textbooks, analyzing how conservation and change movements occur in the development of such approaches. Starting from documentary research, we investigated eight collections of textbooks in Portuguese for the final years of elementary school and approved by the PNLD. The investigation proved that in textbooks, there is a treatment given to invariant word classes through two approaches: a descriptive and a productive one, the one being the most predominant. The analysis of the collections through the defined clipping also confirmed the coexistence of descriptive and productive approaches to language teaching in the Portuguese language textbook, demonstrating that the didactic material tries to balance conservative and innovative postures with regard to grammar teaching, which configures a slow change in the effectiveness of a language teaching that values the expansion of competences of effective use of language in different social contexts.

KEYWORDS: Teaching approaches; Textbook; Invariant word classes.

RESUMEN: El presente estudio tiene como objetivo investigar los enfoques de enseñanza de las clases de palabras invariantes en ejercicios de libros en portugués para los últimos años de la escuela primaria publicados entre 1999 y 2020. Para tal, con base en Halliday, McIntosh y Strevens (1974), buscamos investigar los enfoques didácticos presentes en los libros, analizando cómo se producen los movimientos de conservación y cambio en el desarrollo de dichos enfoques. A partir de una investigación documental, investigamos ocho colecciones de libros didácticos en portugués para los últimos años de la escuela primaria y aprobados por el PNLD. La investigación comprobó que libros didácticos un tratamiento que se da a las clases de palabras invariantes a través de dos enfoques: uno descriptivo y otro productivo, siendo el más predominante. El análisis de las colecciones a través del recorte definido también confirmó la coexistencia de enfoques descriptivos y productivos para la enseñanza de la lengua en el libro de texto de lengua portuguesa, demostrando que el material didáctico trata de equilibrar posturas conservadoras e innovadoras con respecto a la enseñanza de la gramática, lo que configura un cambio lento. En la eficacia de una enseñanza de lenguas que valore la ampliación de competencias de uso efectivo de la lengua en diferentes contextos sociales.

PALABRAS CLAVE: Enfoques de enseñanza; Libro; Clases de palabras.

Introdução

O ensino dos conhecimentos gramaticais é uma das tradições mais antigas de todo o mundo. No Brasil, o tratamento pedagógico do que entendemos por *gramática escolar* (NEVES, 2008) data desde a época da presença dos jesuítas no país, no século XVI, que a utilizava nas aulas de língua para todo o ensino secundário e superior. Desde essa época até os dias atuais, embora tenha apresentado algumas relativas transformações, pequenos acréscimos ou substituições, o ensino de tópicos gramaticais procurou conservar de forma intacta o seu objetivo e sua metodologia: transmitir, de modo essencial e predominantemente

prescritivo, os conhecimentos linguísticos necessários para que toda e qualquer pessoa “cultura” possa se expressar de modo socialmente aceitável (BAGNO, 2007).

Um dos principais vetores de disseminação dessa concepção política e pedagógica de ensino dos conhecimentos gramaticais é o livro didático, que durante um bom tempo reproduziu o discurso do certo e do errado no uso da língua materna (CORACINI, 1999; VAL; MARCUSCHI, 2005). Porém, com a política de refinamento cada vez maior dos critérios de qualidade das obras didáticas de língua portuguesa no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) — muitos deles fundamentados em estudos acerca do ensino e aprendizagem da língua proporcionados pela Linguística Aplicada — o regime de produção de livros didáticos passou a ser mais acompanhado, principalmente no que se refere ao tratamento didático dos conhecimentos gramaticais. A proposta aqui, de modo geral, é que o tratamento de tais conhecimentos seja realizado de modo mais contextualizado, em que o texto seja o ponto de partida para a elaboração da reflexão sobre a linguagem.

Nesse ponto em particular, as pesquisas mais recentes sobre o livro didático e sua relação com orientações das ciências linguísticas (preconizadas, inclusive, em documentos curriculares oficiais) têm demonstrado que o desenvolvimento de livros didáticos de língua portuguesa vem respondendo com maior rapidez e qualidade na elaboração de conteúdos e exercícios referentes às práticas de leitura e escrita. Essa inovação, todavia, vem sendo observada de modo mais paulatino em relação aos conhecimentos gramaticais, visto que estes ainda são apresentados, de maneira geral, numa perspectiva descritiva ou mesmo mista, buscando conciliar várias abordagens de ensino de conhecimentos gramaticais nos anos iniciais (ANDRADE, 2003; SILVA; MORAIS, 2009), finais (APARÍCIO, 2006; SILVA, 2008) e também no ensino médio (CASTILHO, 2008; SOUZA, 2014).

Sobre essa questão, Mendonça (2006, p. 201) justifica o fato a partir do que chama de “configuração intermediária”, quando diz que “a tentativa de aliar uma nova perspectiva e formas conhecidas de ensinar é natural num processo de apropriação, por parte do docente, de uma proposta teórico-metodológica diferente da sua prática cotidiana”. Apesar de concordarmos com o pensamento da autora,

defendemos que ainda não se respondeu como se construiu efetivamente por meio do tempo a configuração entre essas diferentes abordagens no ensino dos conhecimentos gramaticais no livro didático.

Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo investigar as abordagens de ensino das classes de palavras invariáveis em exercícios de livros didáticos de língua portuguesa destinados aos anos finais do ensino fundamental e publicados entre 1999 e 2020, analisando como esses instrumentos didáticos administram a coexistência de diferentes abordagens de ensino ao longo do tempo. Para atingirmos tal objetivo, inicialmente, traremos algumas considerações sobre os tipos de abordagem de ensino de língua segundo o que propõem Halliday, McIntosh e Strevens (1974).

Em seguida, caracterizaremos o tratamento dado às classes de palavras invariáveis pela tradição gramatical e pela ciência linguística, buscando entender suas aproximações e diferenças, que se refletirão nos livros didáticos. O percurso segue com a apresentação das escolhas metodológicas para uma análise de abordagem quanti-qualitativa de oito coleções de livros didáticos de língua portuguesa destinados aos anos finais do ensino fundamental, e aprovados no PNLD, desembocando na apresentação e na análise dos exercícios em que tais tipos de abordagem de ensino aparecem).

A gramática na escola e suas abordagens de ensino

Tomando como ponto de partida o fato de que “nada do que se realiza na sala de aula deixa de estar dependente de um conjunto de princípios teóricos, a partir dos quais os fenômenos linguísticos são percebidos e tudo, conseqüentemente, se decide” (ANTUNES, 2003, p. 39), podemos notar que de diferentes concepções de linguagem derivam, como dizem Halliday, McIntosh e Strevens (1974), a existência de três abordagens de ensino de língua: abordagem prescritiva, descritiva e produtiva.

Das três abordagens descritas pelos referidos autores, o ensino de língua do

tipo *prescritivo* é o mais antigo por ter sido fundado e mantido em uma época em que predominava o ensino da variedade padrão da língua. Por “prescritivo” entende-se um ensino, essencialmente, fundamentado em um processo de substituição de um modelo de linguagem por um outro: “é a interferência com as habilidades existentes, tendo em vista substituir um padrão de atividade, já adquirido com sucesso, por um outro” (HALLIDAY; MCINTOSH; STREVENSON, 1974, p. 260).

O padrão de atividade já aprendido pelo indivíduo não é o padrão de linguagem eleito e aceito socialmente e, em vista disso, é considerado inadequado pela escola, que se propõe a desenvolver uma prática pedagógica que vise corrigir a linguagem “errada” do aluno (TRAVAGLIA, 2001).

No plano didático-pedagógico, essa abordagem de ensino de gramática ocasionará a elaboração de aulas de língua e exercícios cujos objetivos estão focados exclusivamente na identificação e no reconhecimento de formas linguísticas “erradas” ou na memorização de regras para o uso “correto” da língua, desprezando outras competências linguísticas dos estudantes. Um ensino desse tipo mostra-se, além disso, com mais chances de apresentar dificuldades por parte do estudante, por se tratar de conhecimentos com considerável nível de abstração. Assim, quando falamos em norma-padrão, nos referimos ao conjunto de regras convencionalmente estabelecido que, por sua vez, serve para impor ao indivíduo um modelo ideal de linguagem. Trata-se de uma convenção abstrata, concebida e organizada de forma arbitrária e profundamente artificial: a gramática normativa.

Por sua vez, Halliday, McIntosh e Strevenson (1974, p. 266) definem que um ensino no qual predomina a abordagem *descritiva* tem como propósito ensinar “o modo como a linguagem funciona e como determinada língua funciona”. Contrastando-se à abordagem prescritiva, que elege uma variedade da língua e, a partir dela, emite juízos de valor às outras variedades, às quais considera deturpadas e incorretas, a abordagem descritiva se caracteriza mais pelo seu caráter expositivo, isto é, apenas possui o objetivo de explicar como a língua funciona, em qualquer variedade e de qualquer comunidade linguística.

Na verdade, o ensino da Língua Portuguesa a partir do viés descritivo, pode

ser bastante enriquecedor no desenvolvimento de habilidades cognitivas, uma vez que, como bem defende Travaglia (2001, p. 39), “ensina o aluno a pensar, a raciocinar, a desenvolver o raciocínio científico, a capacidade de análise sistemática dos fatos e fenômenos que encontra na sociedade”.

No plano dos objetivos educacionais, o tipo descritivo caracteriza-se em desenvolver conhecimentos sobre terminologias, classificações e categorizações que os fenômenos apresentam. Assim, o ensino da Língua Portuguesa de base descritiva assenta a sua prática em atividades de classificar, por exemplo, termos da oração, ou reconhecer formas que pertençam a uma determinada classe de palavras, ou mesmo categorizar um conjunto de palavras destacadas em um determinado texto. O objetivo dessas atividades é, portanto, estruturar os fenômenos para que se possa pensar sobre eles de forma organizada e pertinente.

Por fim, os estudos mais atuais em linguística e sua relação com o ensino de línguas apostam numa prática pedagógica em que prevaleça uma abordagem *produtiva* de ensino de gramática, isto é, que possa ampliar a competência linguística dos estudantes. Halliday, McIntosh e Stevens (1974, p. 276) defendem que o ensino baseado em uma abordagem produtiva tem como objetivo “aumentar os recursos que possui, e fazer isso de modo tal que tenha a seu dispor, para uso adequado, a maior escala possível de potencialidades de sua língua”. Em outras palavras, o ensino de gramática de abordagem produtiva contribui para que o aluno amplie conexões linguísticas, participando ativamente de outras manifestações de linguagem, adequando-se a elas.

Para Travaglia (2001), o ensino produtivo é o mais adequado quando se pensa em ensino de língua. Preservando a ideia de que o objetivo central de ensino de língua materna é desenvolver a competência comunicativa, isto é, “a capacidade do usuário de empregar, adequadamente, a língua nas diversas situações de comunicação” (TRAVAGLIA, 2001, p. 17). O autor postula que o desenvolvimento dessa capacidade se efetiva a partir de práticas pedagógicas com viés produtivo. Ainda defende que ao se possibilitar na aula de português um conhecimento linguístico produtivo sobre mecanismos de funcionamento da língua amplia-se as

habilidades do indivíduo no uso de suas capacidades linguísticas nas várias situações de interação social, mediadas pela linguagem.

Dessa ideia geral do ensino produtivo partem proposições sugestivas que buscam investigar os conhecimentos gramaticais numa linha mais reflexiva, nas quais se observam atividades didáticas de análise e de reflexão sobre a língua, como também uma que traz os usos linguísticos de modo a perceber seus efeitos de sentido em práticas de produção e de leitura de textos. São propostas, também, aqui atividades mais performáticas, considerando os usos linguísticos em função dos seus contextos sociais.

Classe de palavras invariáveis: discussões de ontem e hoje

Um exemplo do ensino de língua materna cujo enfoque recai sobre os processos de memorização, repetição de regras e classificações é o objeto conhecido como classes de palavras. Responsável pela categorização das palavras de uma língua, pela identificação de suas funções e formas de emprego, o estudo das classes de palavras é uma das práticas mais desenvolvidas na aula de Língua Portuguesa na escola de educação básica.

Uma breve passagem pela história das reflexões sobre a linguagem mostra o quanto as tentativas de separar as palavras em classes mereceram considerável destaque. O fato pode ser observado, mesmo no interior dos estudos gramaticais realizados pelos gregos no período antigo, em que eram frequentes as investigações e estudos destinados a identificar e caracterizar a natureza das palavras e vocábulos que compunham a língua. Rosa (2011) afirma que tais reflexões culminaram no reconhecimento, na época, de três características dadas à palavra: a *semântica*, a *morfológica* e a *sintática*, que serviram para a realização de uma distribuição das palavras da língua no que se convencionou denominar de *classes gramaticais* ou *partes do discurso* (ROSA, 2011, p. 91, grifo nosso).

Tais classes vieram, ao longo do tempo, sendo aperfeiçoadas a partir da revisão ou redimensionamento desses critérios de distribuição, o que trouxe como

consequência um número flexível de classes de palavras que, no interior das observações e dos estudos tradicionais, resistiram ao tempo.

Para a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), são dez as classes de palavras na língua portuguesa: *substantivo*, *artigo*, *adjetivo*, *numeral*, *pronome*, *verbo*, *advérbio*, *preposição*, *conjunção* e *interjeição*. A NGB, ainda, prescreve que as classes de palavras da língua portuguesa são divididas, pela tradição gramatical, em dois grandes blocos: as classes de palavras variáveis, isto é, aquelas que se combinam com morfemas gramaticais que incluem o gênero, o número, o tempo, o modo, o aspecto e a pessoa (CUNHA; CINTRA, 2016), e as classes de palavras invariáveis, que “não admitem que se lhes agregue uma desinência” (CUNHA; CINTRA, 2016, p. 92).

Pertencem a este segundo agrupamento, foco desta pesquisa, as palavras classificadas tradicionalmente como: *advérbio*, *preposição*, *conjunção* e *interjeição*, cujas classes, inclusive na perspectiva da tradição gramatical, são tratadas, teoricamente, de modo simples e incorreto (PERINI, 2016), o que impossibilita um tratamento mais satisfatório da complexidade que são os fatos da língua deste tipo.

Sob o enfoque da tradição gramatical, é consenso entre os gramáticos que, em se tratando das classes de palavras invariáveis, — embora se permita observar o mesmo nas classes de palavras variáveis —, a definição ora se ampara no viés semântico, ora morfológico, ora sintático, confirmando a tradição greco-latina nos estudos sobre a classificação de palavras. Sobre tais critérios de conceituação e classificação, Câmara Junior (2007, p. 78) pontua que “esse critério compósito, que podemos chamar de morfossemântico, parece ser o fundamento primário da classificação [das palavras]”, embora as gramáticas da língua portuguesa apresentem critérios diferenciados para definir e classificar as palavras.

É assim que, no que se refere à classe de palavras invariáveis, as gramáticas de base tradicional publicadas no Brasil geralmente as concebem, do ponto de vista semântico ou sintático, isto é, a partir da perspectiva de seu significado ou de sua função no interior da frase. As definições a seguir, retiradas de algumas gramáticas tradicionais brasileiras, demonstram a questão:

- (1) Advérbio é uma palavra que modifica o sentido do verbo, do adjetivo e do próprio advérbio (CEGALLA, 2010, p. 259). — definição de base morfológica e sintática.
- (2) Chamam-se preposições as palavras invariáveis que relacionam dois termos de uma oração, de tal modo que o sentido do primeiro (antecedente) é explicado ou completado pelo segundo (consequente) (CUNHA; CINTRA, 2016, p. 570). — definição de base morfológica, sintática e semântica.
- (3) Conjunções são palavras que relacionam entre si: a) dois elementos da mesma natureza (substantivo + substantivo, adjetivo + adjetivo, advérbio + advérbio, oração + oração, etc.); b) duas orações de natureza diversa, das quais a que começa pela conjunção completa a outra ou lhe junta uma determinação (LIMA, 2020, p. 234). — definição de base morfológica e sintática.
- (4) Interjeição é a expressão com que traduzimos os nossos estados emotivos. (BECHARA, 2019, p. 357). — definição de base morfológica e semântica.

Como se pode observar, não é incomum nas gramáticas tradicionais brasileiras que se definam as classes de palavras invariáveis sob diversos critérios de classificação, o que confirma o posicionamento de Câmara Junior (2007) no que diz respeito ao que o autor chama de “fundamento primário” de classificação sob critério morfossemântico. Cumpre pontuar que definições dessa mesma natureza e configuração também podem ser encontradas em diferentes livros didáticos de língua portuguesa, como mostraremos nas seções seguintes.

Nos estudos da linguística moderna, por sua vez, as reflexões sobre as classes de palavras invariáveis são carregadas de críticas à classificação tradicional e, mesmo, sobre o conceito, definição e necessidade de classificar as palavras em classes. Essas críticas, muitas vezes, vêm acompanhadas de possibilidades teóricas de redimensionamento das questões que a classificação tradicional insiste em manter. De modo geral, a perspectiva linguística questiona a tradição gramatical em distribuir as palavras da língua em classes sem levar em consideração rígidos critérios de classificação.

Perini (2008), ao refletir sobre a necessidade de classificação, traz, além desse problema, três outros: o uso de sistemas simples na classificação das palavras, classes de palavras do tipo “cesta de lixo” e rejeição de classificação múltipla (PERINI, 2008, p. 83). Da mesma forma, Hauy (1983, p. 9) insiste no problema da falta de rigidez de critérios e aponta como consequência de tal postura “a diversidade de conceituação e de análise dos fatos gramaticais e a tônica contraditória que neles predomina”. Para os autores, esse problema de falta de definições rígidas é grave porque é, a partir da classificação das palavras, que se constroem as regras gramaticais no plano sintático. Assim, se a classificação é deficitária, muitos outros e graves problemas são acarretados quando se toma o fenômeno linguístico do ponto de vista sintático.

No plano das classes de palavras, é ainda maioria os que defendem a classificação das palavras em classes, mas redimensionando os critérios apresentados pela gramática tradicional. Câmara Junior (2007), como já apontado, sugere o critério morfossemântico para classificá-las. Para o autor, baseado nos princípios estruturalistas, “o sentido não é qualquer coisa de independente, ou, mais particularmente, não é apenas um conceito; conjuga-se a uma forma” (CÂMARA JUNIOR, p. 77). Nessa perspectiva, um primeiro critério que pode ser utilizado sistematicamente para dividir as palavras em classes, é o que conjuga, no mesmo plano, a sua *forma* (critério morfológico) e o seu *significado* (critério semântico). Dessa proposta, tem-se uma primeira distribuição das palavras de uma língua: os *nomes* (designadores de “coisas”, flexionando-se em gênero e número), *verbos* (designadores de “processos”, flexionando-se em tempo, modo, aspecto, número e pessoa) e, finalmente, os *pronomes* (designadores de “localização”, flexionando-se em gênero e número).

No que concerne à classificação das palavras ditas invariáveis, as quais Câmara Junior (2007) denomina “formas dependentes”, sua distribuição segue um segundo critério segundo o autor. O critério *funcional*, que classifica as palavras quanto a sua função, destina-se aos nomes e pronomes, visto que tais classes podem exercer a função de substantivo (termo determinado), adjetivo (termo

determinante de nome) ou advérbio (termo determinante de verbo). De modo geral, predomina nos estudos linguísticos uma tentativa de classificação das palavras usando o critério funcional, tendo em vista que tal perspectiva busca investigar os fenômenos linguísticos em seus contextos de uso.

É assim com a classe dos advérbios, por exemplo. Considerada uma das classes mais heterogêneas, alguns estudiosos sugerem que se tome o advérbio não como classe, mas como “uma função que palavras de diversas classes podem exercer” (BAGNO, 2012, p. 832). Esse entendimento vem do fato de que os advérbios são expressões que oferecem possibilidades de significação, como atribuir uma qualidade (os advérbios qualificadores), apresentar uma avaliação (os advérbios verificadores) ou mesmo situar as circunstâncias no tempo e no espaço (os advérbios dêiticos ou circunstanciais).

Nessa perspectiva, como formas linguísticas que mudam os modos de dizer, os advérbios são classificados a partir de duas dimensões: a dimensão sintática, investigando os constituintes ou sentenças sobre os quais os advérbios operam; e a dimensão funcional, em que se investigam as funções que esses mesmos advérbios desempenham (as três funções acima citadas).

O caso dos conectivos — preposições e conjunções — também apresenta problemas ao se considerá-las classes de palavras com possibilidades fechadas de uso linguístico. As preposições, por exemplo, não “ligam” só palavras, mas, segundo Ilari *et al.* (2015, p. 165), podem também “formar constituintes que se adjuntem a uma sentença completa”. Algumas conjunções, por sua vez, ao mesmo tempo em que estabelecem ligação entre os termos que une, também podem interferir neles sintática e semanticamente, o que provoca, como consequência, relações semânticas talvez nunca abarcadas pela gramática tradicional. É com base na plurissignificação dos conectivos que se propõe a ideia de um *continuum* para tentar uma possível classificação dos conectivos.

Ilari *et al.* (2015) cita a gramaticalização como conceito para classificar as preposições no *continuum* (preposições que são menos gramaticalizadas até preposições que mais sofrem gramaticalização), enquanto Castilho (2010) traz um

continuum para as conjunções em que, além dos processos de coordenação e subordinação, localizados em cada um dos polos, haja um processo sintático no meio, que ele chama de “correlação” por estarem em relação de interdependência.

A classe gramatical das interjeições é, por sua vez, a mais criticada nos estudos da ciência linguística pelo fato de que nem mesmo nos estudos gramaticais tradicionais ela é definida com precisão. Os estudos atuais, sob uma perspectiva funcional, admitem o caráter pragmático-discursivo das interjeições, isto é, ela é considerada não como uma classe de palavras — fechada, estática e fixa —, mas como um fenômeno, um ato expressivo que se constitui no processo discursivo.

Nesse sentido, como afirma Caixeta (2005, p. 102), entender a interjeição como um fenômeno implica concebê-la como aquilo que reflete as propriedades e as circunstâncias dos processos comunicativos dos quais faz parte, o que comprova o seu caráter “vivo e e(a)fetivo da língua”. Assim, a interjeição é um fenômeno que reflete diretamente esses movimentos sociais ao se constituir como formas simbólicas das atividades humanas. Como reflexos linguísticos das emoções humanas, ela abandona seu caráter morfológico ou sintático — atribuído pelas gramáticas tradicionais — e passa a ser concebida como uma marca e(a)fetiva do enunciador na enunciação.

Percursos metodológicos

Este estudo, do tipo descritivo-documental e com abordagem quanti-qualitativa (GIL, 2010), tomou para si a investigação do modo como os livros didáticos de língua portuguesa abordam, metodologicamente, os conhecimentos sobre as classes de palavras invariáveis. Para isso, inicialmente, delimitamos o universo do livro didático de língua portuguesa a partir de 4 (quatro) critérios de seleção, a saber: 1) livros publicados pós-surgimento dos Parâmetros Curriculares Nacionais; 2) aprovação da amostra no PNLD; 3) utilização da amostra em turmas dos anos finais do ensino fundamental; e 4) apresentação de uma unidade ou capítulo que aborde as classes de palavras invariáveis.

Dentro desse recorte, obtivemos um total de 133 coleções⁴, divididas pelas 8 (oito) edições do programa ao longo de 1999 e 2020. Devido ao número grande de coleções, filtramos, novamente, o universo a partir da seleção aleatória de 1 (uma) coleção de cada edição do PNLD, totalizando 8 (oito) coleções. Com esse procedimento, alcançamos as coleções a seguir, identificadas, na sequência, pela edição do PNLD, nome da obra, autor(es) e editora, conforme mostra a Tabela 1.

Tabela 1 – Coleções selecionadas para compor a amostra da pesquisa

EDIÇÃO DO PNLD	OBRA	AUTOR	EDITORA
1999	<i>Português: leitura e expressão</i>	Márcia Leite e Crsitina Bassi	Atual
2002	<i>Linguagem: criação e interação</i>	Cássia Leslie Garcia	Saraiva
2005	<i>Português: dialogando com textos</i>	Paula Parisi	Formato
2008	<i>Novo diálogo</i>	Eliana Santos Brandão	FTD
2011	<i>Para viver juntos — português</i>	Ana Elisa de Arruda Penteado	Edições SM
2014	<i>Português: linguagens</i>	William Roberto Cereja e Tereza C. Magalhães	Saraiva
2017	<i>Universos: língua portuguesa</i>	Rogério de Araújo Ramos	Edições SM
2020	<i>Tecendo linguagens: língua portuguesa</i>	Tania Amaral Oliveira e Lucy Aparecida M. Araújo	IBEP

Fonte: Elaborado pelo(a/s) autor(a/es).

Os procedimentos realizados para a coleta de dados correspondem, em parte, aos mesmos adotados por Coracini (2011) a respeito da preferência pelos exercícios propostos no livro didático de língua portuguesa, e a adaptação dos critérios de Souza (2014) sobre os procedimentos diretamente relacionados à seleção e categorização de exercícios em que se verifica a existência, explícita ou

⁴ Os dados dessas coleções, como título da obra, autores, ano de publicação, série a que se destina, editora etc. foram retiradas dos Guias do Livro Didático, material em que constam as resenhas dos livros aprovados no PNLD e que passou a ser divulgado junto com as obras aprovadas desde o ano de 1996 (BRASIL, [2021]).

implícita, de uma abordagem de ensino de gramática nos livros didáticos selecionados para análise.

Assim, tendo como ponto de partida as seções dos livros didáticos que propõem exercícios sobre classe de palavras invariáveis, conforme delineado por Coracini (2011), realizamos o agrupamento de exercícios sobre classes de palavras invariáveis por coleção, formando 8 (oito) grupos de atividades. Dessa reunião, selecionamos e classificamos os exercícios específicos que tratam exclusivamente das classes de palavras invariáveis a partir dos seguintes critérios, adaptados de Souza (2014):

- a) será considerado exercício qualquer sequência que se caracterize por apresentar um comando completo⁵ dado ao estudante;
- b) exercícios constituídos por alíneas em forma de comando serão considerados um exercício cada uma;
- c) exercícios com a presença simultânea de mais de uma abordagem de ensino serão considerados possuidores da última abordagem identificada;
- d) exercícios que antecedem à apresentação do conteúdo não serão considerados.

Com o delinear desse procedimento, esperamos distinguir exercícios que são, efetivamente, destinados a avaliar o conhecimento do aluno sobre os conhecimentos gramaticais de exercícios elaborados com o objetivo de avaliar os estudantes em relação a outras habilidades de linguagem na mesma atividade, prática muito comum nos materiais didáticos contemporâneos. Realizada essa etapa, os dados passaram pelo processo de categorização, em que fizemos um agrupamento dos exercícios sobre classes de palavras invariáveis, classificando-os por tipo de abordagem de ensino, conforme apontam Halliday, McIntosh e Stevens (1974), por classe de palavra, por série e por edição do PNLD. Essa classificação é especificamente quantitativa, pois informamos por meio de gráficos e tabelas com

⁵ Entendemos aqui o termo “comando” conforme Araújo (2017, p. 38): “sequência injuntiva através da qual o enunciador apresenta uma ordem ou dá um comando a ser seguido, a fim de ser alcançado, por parte do interlocutor (aluno), um resultado já previamente esperado, mas que lhe cabe demonstrar”.

números absolutos e percentuais, a quantidade de itens encontrados em cada categoria acima especificada de cada obra didática analisada.

Para a categorização dos exercícios, seguiremos os princípios teóricos que Halliday, McIntosh e Strevens (1974) apontam a respeito do conceito e das características do ensino do tipo prescritivo, descritivo e produtivo, que podem ser sintetizados no Quadro 1:

Quadro 1 – Critérios de categorização de exercícios prescritivo, descritivos e produtivos

É exercício com abordagem prescritiva quando solicita para:	É exercício com abordagem descritiva quando solicita para:	É exercício com abordagem produtiva quando solicita para:
<ul style="list-style-type: none"> ● corrigir frases ou trechos de texto segundo as regras da gramática normativa; ● reescrever frases ou trechos com o elemento gramatical correto; ● completar frases ou trechos com os elementos gramaticais corretos; ● marcar a palavra, frase ou trecho escrito segundo a norma-padrão 	<ul style="list-style-type: none"> ● localizar, identificar ou reconhecer elementos gramaticais; ● indicar a classe gramatical de um elemento; ● combinar partes de um elemento gramatical; ● completar frases ou trechos com elementos gramaticais; ● classificar ou substituir elementos gramaticais; ● unir frases ou trechos etc. 	<ul style="list-style-type: none"> ● explicar a diferença de significado dos elementos gramaticais; ● pesquisar outros elementos gramaticais; ● produzir frases ou trechos usando elementos gramaticais; ● ampliar frases ou trechos usando elementos gramaticais; ● identificar os efeitos de sentido com a substituição ou ausência de elementos gramaticais etc.

Fonte: Elaborado pelo(a/s) autor(a/es).

Do *corpus* quantificado, nessa primeira etapa do estudo, realizamos um movimento de análise da coexistência de abordagens de ensino das classes de palavras invariáveis nos livros didáticos de língua portuguesa durante o período descrito anteriormente. Para isso, desenvolvemos, inicialmente, um gráfico em que apresentamos o quantitativo de exercícios para cada abordagem de ensino das classes de palavras invariáveis a fim de verificar os movimentos de conservação ou de mudança de tais abordagens metodológicas no ensino dos conhecimentos gramaticais.

Análise de dados: as abordagens de ensino nos exercícios de livros didáticos

Com base nos dados obtidos, elaboramos tabelas e gráficos que visam demonstrar, quantitativamente, o tratamento dado ao objeto de investigação deste trabalho, usando como variável o quantitativo de exercícios por abordagem de ensino de língua.

Tabela 2 – Coleções selecionadas para compor a amostra da pesquisa

ABORDAGEM	VALOR ABSOLUTO	VALOR PERCENTUAL
Prescritiva	0	0,00%
Descritiva	178	44,7%
Produtiva	148	37,0%
Sem abordagem ⁶	73	18,3%
Total	399	100%

Fonte: Elaborado pelo(a/s) autor(a/es).

Ao analisar as coleções selecionadas para esta pesquisa, identificamos que todas as obras tratam das classes de palavras invariáveis em seções específicas no volume e, geralmente, apresentam tal conteúdo em forma de blocos de exercícios, intercalando-os com explicações de valor teórico sobre o tópico gramatical. Baseadas, essencialmente, na gramática normativa de base tradicional, tais explicações teóricas são descritivas, às vezes utilizando trechos dos textos que abrem os capítulos como exemplo daquilo que está sendo estudado sobre o conteúdo ou mesmo usando frases soltas para ilustrar as descrições. Na grande maioria dos exercícios, não há preocupação por parte dos autores em estudar o conteúdo gramatical levando em consideração os aspectos discursivos ou performáticos.

Também, são bem comuns, principalmente nas coleções didáticas mais recentes, a proposição de exercícios de gramática intercalados com exercícios que

⁶ Embora defendamos que todo exercício apresente uma abordagem de ensino, consideramos aqui um exercício “sem abordagem” aquele que não trata explicitamente das classes de palavras invariáveis, foco desta investigação.

procuram desenvolver outras habilidades dos estudantes, atividades essas que foram consideradas “sem abordagem” por não abordarem em seus comandos o estudo das classes de palavras. De maneira geral, esses exercícios buscam desenvolver procedimentos de leitura do estudante.

Os dados obtidos pelo levantamento, ilustrados pela tabela acima, demonstram que há uma predominância, nas obras selecionadas, de exercícios que abordam o tópico das classes de palavras invariáveis de forma mais descritiva, isto é, com foco no funcionamento da língua, em que se busca, com tais exercícios, desenvolver nos alunos as capacidades de não só reconhecer que uma determinada palavra pertence a uma determinada classe, mas categorizá-la no quadro geral das classes de palavras.

Em uma ocorrência menor — porém, considerável —, há exercícios que buscam abordar os tópicos gramaticais usando uma metodologia mais produtiva, ou seja, que busca não só desenvolver a percepção do estudante em saber os sentidos que certa palavra possui no texto em função dos usos, mas amplia a competência comunicativa ao estudar uma mesma palavra e as diferentes situações em que se pode usá-la de forma adequada. Enfim, a tabela revela que não há exercícios ancorados em uma abordagem prescritiva da língua — ao estabelecer padrões mais adequados a outros, conforme asseveram Halliday, McIntosh e Stevens (1974).

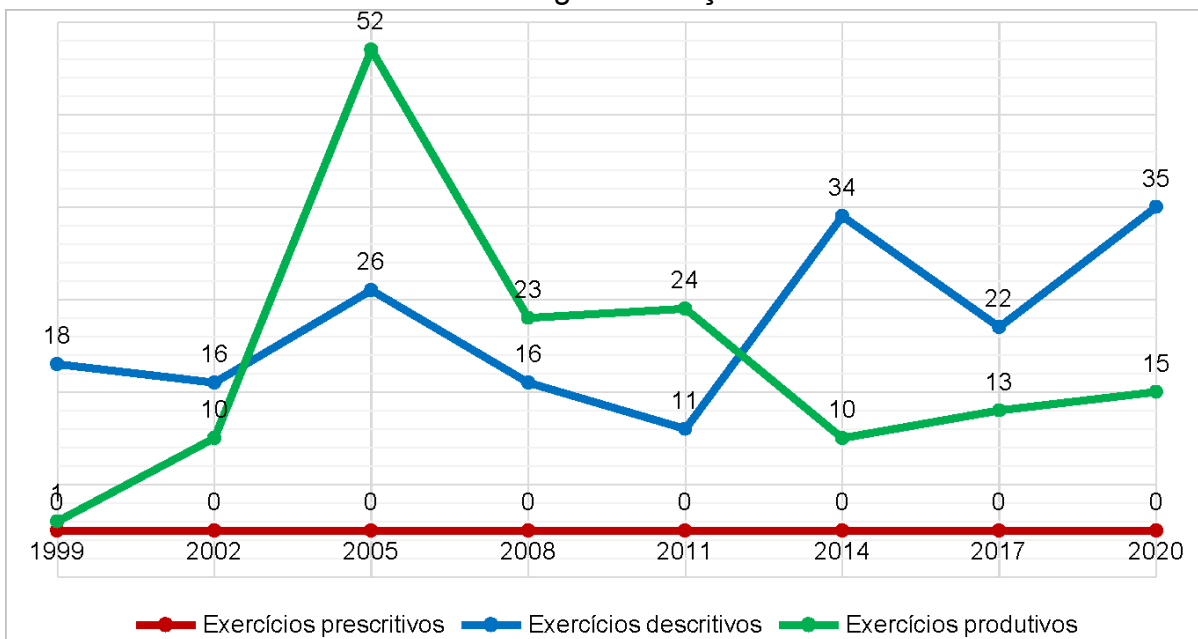
A preferência por uma abordagem descritiva de ensino das classes de palavras manifesta duas consequências inevitáveis. A primeira tem a ver com a visão de linguagem que se desenvolve na sala de aula. Um ensino de língua materna usando a abordagem descritiva pode ser bastante enriquecedor se o objetivo do docente seja o desenvolvimento do raciocínio, como bem pontua Travaglia (2001); porém, como sabemos, se o objetivo do ensino de língua materna é o desenvolvimento da competência comunicativa, a descrição, embora seja necessária, não é suficiente para garantir tal competência. As atividades que procuram sistematizar, identificar, reconhecer, mobilizar, classificar e descrever elementos da língua são fundamentais para o conhecimento de como o sistema linguístico funciona, como suas partes se constituem, se classificam e se relacionam,

mas não contribuem de forma direta para que sejam ampliadas as capacidades de comunicação dos estudantes nas diferentes situações de interação social, visto que são necessárias o desenvolvimento de outras habilidades, haja visto , que o ensino do tipo descritivo não é capaz de oferecer.

Como instrumento de (re)produção da cultura, o livro didático não só permite uma produção considerável de conhecimentos em sala de aula, quando de seu uso adequado, como carrega os interesses e as ideologias de uma sociedade historicamente situada. Nesse ponto, muitos fatores podem influenciar os conteúdos e a forma de abordá-los em sala de aula; assim, medir tais fatores é uma tarefa bastante complexa. Porém, entendemos que seja possível observar o impacto de alguns fatores, dentre eles, a força dos documentos oficiais no processo de produção dos materiais didáticos, uma vez que o livro didático também se constitui um reflexo das prescrições que constituem tais documentos governamentais.

Acreditamos que, analisando o comportamento quantitativo de exercícios de determinadas abordagens de ensino ao longo de um período, podem-se vislumbrar as permanências e rupturas que os livros didáticos apresentam quando do ensino das classes de palavras invariáveis. É assim que partimos para a discussão com a apresentação do Gráfico 1, que expressa o movimento quantitativo de exercícios sobre classes de palavras invariáveis de abordagens descritivas e produtivas ao longo das oito edições do PNLD, foco deste estudo.

Gráfico 1 – Comportamento dos exercícios de classes de palavras
ao longo das edições do PNLD.



Fonte: Elaborado pelo(a/s) autor(a/es).

As informações apresentadas pelo Gráfico 1 trazem várias conclusões que merecem ser comentadas brevemente. Em primeiro lugar, é interessante pontuarmos o movimento do tratamento das classes de palavras invariáveis ao longo dos anos do PNLD de 1999 a 2020. De fato, o gráfico nos confirma a coexistência de duas abordagens no livro didático de língua portuguesa: uma mais descritiva da língua, preocupada em conhecer o funcionamento do sistema linguístico e outra mais produtiva de se estudar a língua, cujas atividades buscam desenvolver diferentes habilidades nos estudantes.

É importante pontuar que a presença de duas abordagens de ensino das classes de palavras invariáveis ocorre nas coleções de todos os anos abarcados em nossa análise, demonstrando que não se vê uma mudança significativa no sentido de haver, ao longo dos anos, uma preocupação constante na proposição de exercícios mais produtivos do que descritivos. Por outro lado, a ocorrência zero de exercícios prescritivos em todos os anos analisados indica importante acolhimento, por parte dos livros didáticos, das prescrições de documentos oficiais quanto do tratamento mais prescritivo dos elementos constituintes das classes de palavras

invariáveis.

A relação entre práticas permanentes e práticas inovadoras no ensino das classes de palavras invariáveis fica mais evidente quando analisamos, separadamente, cada ano do PNLD selecionado para estudo. No PNLD de 1999, a análise dos exercícios de gramática presentes nos livros que compõem a coleção revela uma preocupação bem acentuada das autoras em trabalhar os mecanismos da língua sem inseri-los em contextos significativos de interação social. Isso quer dizer que as autoras investem pouco no estudo das classes de palavras invariáveis em função do texto e quando o fazem o texto é usado como pretexto para exercícios de classificação de termos e reconhecimento de elementos que pertençam a determinada classe de palavras. No PNLD 2002, por sua vez, apesar de seguir aspectos da coleção anterior, há rupturas, dentre elas a apresentação, antecedendo a explicação do conteúdo, de exercícios de introdução à classe de palavras que será estudada. A estrutura desses exercícios tenta provocar a reflexão linguística, mas a sua grande maioria reporta a uma abordagem descritiva, solicitando a identificação de termos ou a classificação de palavras.

A coleção do PNLD 2005 rompe, consideravelmente, com os aspectos metodológicos tradicionais de ensino da língua. Seguindo em parte o que preconizam os PCN, o trabalho com os elementos constituidores das classes de palavras aqui se baseia, essencialmente, na prática da análise e da avaliação dos elementos a partir de exercícios que solicitam os sentidos de termos e elementos no interior de frases e de trechos de textos. Não há aqui, porém, textos subsidiando os exercícios, estando as análises sucumbidas ao nível do período, contradizendo, nesse caso, os documentos oficiais.

O tratamento dado às classes de palavras invariáveis pelos volumes da coleção do PNLD 2008 assemelha-se bastante à coleção de 2002. Antecedem aqui aos conteúdos e exercícios preparatórios para a exposição teórica; tais atividades, porém, são propostas a partir de uma abordagem descritiva da língua, configurando movimento de permanência metodológica de trabalho com as classes de palavras invariáveis. Embora haja o destaque de exercícios com uma visão descritiva da

língua, ocorrem uma vez ou outra exercícios com abordagem produtiva que levam em conta o contexto de produção do texto, seu objetivo e os sujeitos envolvidos no texto. Eis os movimentos de ruptura na coleção.

A coleção referente ao PNLD 2011 apresenta uma série de rupturas no tratamento das classes de palavras invariáveis. Uma delas consiste na exclusão em seus volumes de uma abordagem, essencialmente, gramatical no estudo da interjeição, já que tal fenômeno não aparece no rol de classes de palavras abordadas pela coleção. Tal fato indica sincronia com o que preconizam não só os documentos oficiais, mas também os estudos linguísticos, que constataam a interjeição como um fenômeno pragmático e não morfológico. É comum nos volumes que compõem a coleção do PNLD 2014 um tratamento bastante significativo das classes de palavras invariáveis, embora ainda tenhamos um tratamento descritivo em alguns exercícios elaborados pelos autores. É visto aqui como uma ruptura a presença de atividades que buscam verificar a função de determinado elemento no contexto de uso ou seus (efeitos de) sentido.

A coleção correspondente ao PNLD 2017 traz aspectos bastante semelhantes aos já discutidos na coleção anterior. Esta é a única coleção que desde o PNLD 2005 apresenta explicitamente o estudo da interjeição, mas sem tratá-la como uma classe de palavras, mas sim como um fenômeno linguístico. Outro aspecto importante da coleção é que o estudo das classes de palavras invariáveis não é apresentado na ordem canônica da gramática tradicional, o que demonstra ruptura e que os autores se preocupam em desenvolver uma reflexão a respeito dos elementos linguísticos, segundo as necessidades que vão aparecendo no estudo da língua.

Por fim, a coleção referente ao PNLD de 2020 demonstra, fortemente, a conjugação de duas abordagens de ensino: uma descritiva e outra produtiva no ensino das classes de palavras invariáveis. Sua observação expõe que os volumes apresentam predomínio em seus exercícios de uma abordagem descritiva de estudo da língua. Eis um aspecto que indica movimentos de permanência no ensino tradicional da língua.

Conclusão

Amparada pela pesquisa documental, a análise dos exercícios revelou que das três abordagens de ensino identificadas teoricamente por Halliday, McIntosh e Strevens (1974), duas delas permanecem presentes nos exercícios que compõem a amostra deste estudo: a abordagem descritiva e a produtiva, com predominância da primeira. A análise mostrou ainda que não há a ocorrência de exercícios com viés prescritivo nas coleções adotadas para análise neste estudo, o que significa dizer que os livros didáticos não só conservam a coexistência de abordagens descritivas e produtivas, como há a procura de um equilíbrio delas, estando a abordagem descritiva mais presente nos exercícios que compõem o estudo das classes de palavras invariáveis.

Em relação à abordagem descritiva, a grande maioria dos exercícios se preocupa em desenvolver nos estudantes um estudo da língua do ponto de vista teórico, isto é, tendo como foco a linguística descritiva. As atividades se concentram, nessa perspectiva, em pedir aos alunos a classificação de expressões, o reconhecimento de classes de palavras invariáveis, a nomeação de fenômenos, sem alterar os padrões linguísticos adquiridos pelos estudantes, nem ampliando os usos da linguagem em diferentes contextos de interação social.

Já em relação à abordagem produtiva, notou-se que os autores dos livros didáticos buscam, mesmo que insuficientemente, abordar os conhecimentos sobre as classes de palavras invariáveis em uma perspectiva funcional e discursiva, analisando os elementos linguísticos ora em períodos, ora em trechos de textos. Tal constatação pode ser observada pela proposição de exercícios que buscam fazer com que não só o estudante perceba os sentidos e os efeitos de sentido que os termos evocam na situação específica do exercício ou fora dela, como também propõem a (re)elaboração ou reformulação de frases e textos seguindo as orientações de cunho funcional, buscando as oportunidades de fazer o aluno adequar a sua linguagem de acordo com situações comunicativas propostas pelos autores das coleções constituídas pelo *corpus*.

Os resultados ainda demonstram que, durante os anos de 1999 a 2020, houve movimentos de permanências e de rupturas no que se refere às abordagens de ensino das classes de palavras invariáveis no livro didático de língua portuguesa. De modo geral, os movimentos de permanência — mais frequentes em todos os anos analisados — se caracterizam pela presença de exercícios com viés descritivo de estudo da língua, além de analisar os componentes linguísticos sem inseri-los em seus contextos de uso, ou mesmo sem usar textos para a realização das análises, uma vez que grande parte dos exercícios tratam dos elementos das classes de palavras no nível da frase e do período.

Já os movimentos de ruptura, embora apresentem mais características percebidas ao longo dos anos, são menos frequentes. Dentro desse aspecto em particular e do período compreendido por essa análise, os exercícios apresentados pelos livros didáticos apresentam momentos de estudo da língua, levando em consideração os sentidos que os elementos linguísticos evocam, bem como de forma mais rara tratam desses mesmos elementos dentro de textos, levando em consideração os contextos de produção dos mesmos.

Com efeito, os dados, de modo geral, vêm comprovar que o ensino de gramática está presente nos livros didáticos de língua portuguesa e, conseqüentemente, é desenvolvido nas salas de aula do ensino fundamental por todo o país. A presença predominante de uma abordagem descritiva no ensino da língua, apesar de contradizer as prescrições dos documentos oficiais, e a presença cada vez maior da abordagem produtiva nos exercícios apresentados pelo livro didático, demonstra que existe uma concepção de linguagem, de ensino, de escola, de sujeito que aprende etc. que está em transformação, resultado no nosso caso das pesquisas em Linguística e que, conseqüentemente, são adotadas tanto pelas esferas que prescrevem o trabalho do professor quanto pelos materiais didáticos que, de uma forma ou de outra, refletem esse momento ímpar de combinação de diferentes abordagens de se compreender a linguagem e as suas manifestações.

Referências

ANDRADE, E. *Ensino de análise linguística: apropriação pelos professores das prescrições dos novos livros didáticos de língua portuguesa*. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) — Centro de Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

ANTUNES, I. *Aula de português: encontro e interação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

APARÍCIO, A. *A produção da inovação em aulas de gramática do ensino fundamental II da escola pública estadual paulista*. 2006. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) — Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2006.

ARAÚJO, D. *Enunciado de atividades e tarefas escolares: modos de fazer*. São Paulo: Parábola, 2017.

BAGNO, M. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2012.

BAGNO, M. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 39. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. *Programas do livro*. Brasília: MEC, [2021]. Disponível em: <https://www.fnde.gov.br/index.php/programas/programas-do-livro/pnld/guia-do-pnld>. Acesso em: 10 ago. 2022.

CAIXETA, G. *Macacos me mordam! interjeição: uma classe no limbo do sistema linguístico do português brasileiro*. 2005. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

CÂMARA JUNIOR, J. *Estrutura da língua portuguesa*. 40. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

CASTILHO, L. *A abordagem da gramática em material didático do ensino médio*. 2008. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) — Departamento de Pós-Graduação, Universidade de Taubaté, Taubaté, 2008.

CASTILHO, A. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

CEGALLA, D. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 48. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2010.

CORACINI, M. (org.). *Interpretação, autoria e legitimação do livro didático*. São Paulo: Pontes, 1999.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2016.

GIL, A. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

HALLIDAY, M.; MCINTOSH, A.; STREVENS, P. *As ciências linguísticas e o ensino de línguas*. Petrópolis: Vozes, 1974.

HAUY, A. *Da necessidade de uma gramática-padrão da língua portuguesa*. São Paulo: Ática, 1983.

ILARI, R.; CASTILHO, A. T.; CASTILHO, C. M. M.; KLEPPA, L-A.; NEVES, M. H. M.; LEITÃO, M. L.; BRAGA, M. L.; BASSO, R.; OLIVEIRA, R. P. A preposição. In: ILARI, R. (org.). *Gramática do português culto falado no Brasil: palavras de classe fechada*. São Paulo: Contexto, 2015. v. 4, p. 163-310.

LIMA, R. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 56. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2020.

MENDONÇA, M. Análise linguística no ensino médio: um novo olhar, um novo objeto. In: BUNZEN, C; MENDONÇA, M. *Português no ensino médio e formação do professor*. São Paulo: Parábola, 2006. p. 199-225.

NEVES, M. *Que gramática estudar na escola?: norma e uso na língua portuguesa*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

PERINI, M. *Estudos de gramática descritiva: as valências verbais*. São Paulo: Parábola, 2008.

PERINI, M. *Gramática descritiva do português brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 2016.

ROSA, M. *Introdução à morfologia*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

SILVA, J. *O tratamento dado à análise linguística nos livros didáticos de língua portuguesa recomendados pelo PNLD: normatividade e textualidade*. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

SILVA, A.; MORAIS, A. Entre tradição e inovação: o tratamento dado ao “ensino de gramática” ou à “análise linguística” em livros didáticos de língua portuguesa. In:

MOTA, R.; SERAFIM, M. S.

Abordagens de ensino das classes de palavras invariáveis em livros didáticos de língua portuguesa entre 1999-2020

REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 32., 2009, Caxambu. *Anais* [...]. Caxambu: ANPED, 2009. Disponível em: <http://32reuniao.anped.org.br/arquivos/trabalhos/GT10-5787--Int.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2022.

SOUZA, F. *Abordagens de ensino de gramática em exercícios de livros didáticos de língua portuguesa do ensino médio*. 2014. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Departamento de Letras Vernáculas, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

TRAVAGLIA, L. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

VAL, M. G. F. C.; MARCUSCHI, B. (org.) *Livros didáticos de língua portuguesa: letramento e cidadania*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

Recebido em: 30 set. 2022.

Aprovado em: 28 nov. 2022.

Revisora de língua portuguesa: Sílvia Helena de Freitas Ruiz

Revisora de língua inglesa: Gabrieli Rombaldi

Revisora de língua espanhola: Laura Marques Sobrinho

